

Tudo para um ano bem melhor

Não obstante os percalços, 2005 não foi um ano de todo mau

Economia - Brasil

Apesar das más notícias relativas ao PIB do terceiro trimestre e dos obstáculos à exportação motivados pelo câmbio, podemos ainda ter projeções otimistas quanto a 2006. Com cautela, é claro. O cenário não é dos melhores, muitas expectativas não foram correspondidas, a política foi sinônimo de escândalos. Mas ainda houve o que enxergar com bons olhos em 2005.

Do ponto de vista socioeconômico, como apontou estudo do IBGE (base de 2004), o Brasil melhorou em relação à distribuição de renda, nível de alfabetização, a quantidade de pessoas ocupadas aumentou, a renda média mensal, em queda até 2003, manteve-se estável. Com certeza não perdemos esses ganhos em 2005.

A inflação encontra-se controlada, graças à manutenção da política econômica, apesar da sua forte influência na taxa real de juros e seus efeitos no câmbio — lembre-se que os juros estavam em 18,25% em janeiro, atingiram 19,50% em setembro, mas caíram em novembro ao chegarem à casa dos 18%.

Porém, a política envolta em escândalos, pipocando no Ministério da Fazenda — o que muitos não queriam —, obriga o empresariado a uma atenção redobrada. Existe inclusive uma percepção de que a economia mundial não terá o comportamento positivo dos últimos anos, situação a que, até agora, a economia brasileira ainda não foi submetida.

Sem considerar que 2006 terá eleições em nível federal e estadual, além da Copa do Mundo. Período em que, por natureza, o governo trabalha significativamente mais para apresentar resultados.

Para 2006 seria natural pensar na manutenção da política econômica com o mesmo direcionamento, mas com um cenário bem diferente dos anos anteriores. Afinal de contas, esperamos ver a continuidade do ciclo de queda dos juros, quem sabe com índices inferiores a

Seria natural pensar na manutenção da política econômica, mas com um cenário bem diferente dos anos anteriores

16%, o que amenizaria o impacto negativo sobre as companhias de pequeno e médio porte, grandes geradoras de empregos — e geração de empregos sempre representou um lema do governo que aí está.

Essa tendência tenderá a afetar de forma positiva a economia brasileira, visto que a taxa de juro real, atualmente em torno de 13,1% (descontada a inflação), deverá se reduzir sensivelmente. O câmbio precisará se ajustar a novos parâmetros em relação ao dólar, com uma menor intensidade, mas com certeza alguém das necessidades pregadas pelos exportadores, que deverão

manter o foco no aumento da eficiência para melhorar a competitividade.

E as eleições? Difícil saber como todas as atuais apurações e CPIs irão caminhar e os seus efeitos para o eleitorado brasileiro. Mas parece não haver mais tanto espaço para populismos e aventuras políticas. Portanto, o cenário não é dos mais imprevisíveis.

Resta ao empreendedor a tarefa de tomar ainda mais as rédeas de seu negócio, com estratégia, atenção ao fluxo de caixa, busca por diferenciais agregados ao seu produto — sem, no entanto, reduções de preços precipitadas.

Um comércio ativo com a concessão de créditos, especialmente os empréstimos consignados em folha de pagamento, mesmo com uma velocidade de crescimento menor do que nos anos anteriores. A balança comercial em alta, com um índice menor, é verdade, além da agricultura superando as adversidades e chegando ao recorde na safra de grãos. Não é necessário sonhar muito para vislumbrarmos tal panorama. É parar, pensar e planejar, usando e abusando de nossa qualidade empreendedora. E sonhemos também com o futebol brasileiro hexacampeão do mundo, certamente um bom exemplo de como aproveitar nossos talentos.

* Diretor de corporate finance da RCS Auditoria e Consultoria